

programação da cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

11 | março | 04

ciclo { cinema experimental }*



diaries, notes & sketches: walden

1964-65 . USA . 176'

> Nesta sessão serão exibidas
a primeira e a segunda partes
{Real I e Real II, cerca de 85'}

**realização, argumento,
direcção de fotografia,
montagem, som e narração**
Jonas Mekas

Com as presenças de
John Lennon, Yoko Ono,
os Velvet Underground,
Shirley Clarke, Jack Smith,
Peter Kubelka, Allen Ginsberg,
Timothy Leary, Andy Warhol,
Nico, Geral Malanga,
Edie Sedgwick, etc
Produção
Jonas Mekas

le parrain du cinéma underground

2002 . França . 11'

realização
Amaury Vassilon
montagem
Jean-Luc Thomas
produção
Vincent Paul-Boncour

> Não sabemos por que é que surgiu o cinema. (Uma série de invenções?... Não nos satisfaçamos tão depressa. Vão ler Laurent Mannoni, *Le grand art de la lumière et de l'ombre — archéologie du cinéma*, Nathan, Paris, 1995 — por exemplo.) Não sabemos para que é que surgiu o cinema. (Para contar ou *mostrar* histórias?... Mais um esforço, meus amigos, mais um esforço, porque para isso não parece ser preciso o cinema. Vão ver *Histoire(s) du cinéma*, I, II, III e IV, de Jean-Luc Godard, 1998, com os títulos, respectivamente: «Toutes les histoires. Une histoire seule»; «Seul le cinéma. Fatale beauté»; «La monnaie de l'absolu. Une vague nouvelle»; «Le contrôle de l'univers. Les signes parmi nous».) O caso é que ninguém sabe. Sabe-se às vezes um pouco disso quando se faz um filme. Sabe-se às vezes um pouco disso quando se vê um filme. E quando isso acontece já não é pouco. (Humildade, humildade é preciso, e amor, porque o ódio consome a alma. Procurar dar conta do que há, procurar descrever o que se passa, para que se possa usar, para que se possa fazer, seja *fazendo* efectivamente, seja vendo, sentindo, pensando, tudo isto formas de fazer. Já repararam que, nestas coisas do cinema, bem como nestas coisas da Universidade, os burros, mesmo os bem intencionados, são sempre arrogantes, *sabendo* sempre imenso o que tudo isto *deve* ser, julgando muitas vezes que as coisas se resolvem com uns adjectivos sem ligação?)

Jonas Mekas e o cinema: uma história de amor, a vida de uma história permitida pelo cinema. Mekas nasceu na Lituânia em 1922. Esteve num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, num campo de deslocados depois da Guerra ter terminado, tendo ido a seguir para os Estados Unidos, para New York, em 1949. Um homem, jovem, que foi ficando sucessivamente sem o *topos* necessário à consolidação da memória. Como recuperar um lugar, como criar um mundo no mundo que o rodeia, com o que o rodeia? Mal arranhou dinheiro, comprou uma câmara de filmar com o seu irmão Adolph. Inseparável da sua câmara, começa a filmar tudo, construindo um «diário filmado». As duas primeiras partes, «real one» e «real two» de «DIARIES, NOTES & SKETCHES: WALDEN», mais as restantes que veremos em Abril, dão conta de parte disso.

Voice», no início sobre filmes em geral, indiferenciadamente, e depois sobre filmes provenientes do chamado «cinema independente» ou «cinema experimental», ou «cinema underground» — a história deste último nome, «underground», que vem de Marcel Duchamp, é contada na pequena entrevista que vamos ver hoje, «LE PARRAIN DU CINEMA UNDERGROUND, Rencontre avec Jonas Mekas». Dirigiu, não sei se dirige ainda, em New York, o «Anthology Film Archives», uma cinemateca do filme experimental: www.anthologyfilmarchives.org.

De Jonas Mekas podemos ler [«Notes sur le nouveau cinéma américain», in *Cinéma. Théorie, Lectures* (Dominique Noguez, org.), Klincksieck, Paris, deuxième édition revue et mise à jour, 1978, pp.329-335]: «Estou farto dos guardiães da Arte do Cinema que censuram o novo cineasta por trabalhar com uma câmara agitada e com uma má técnica. Da mesma maneira, acusam o compositor moderno, o escultor moderno, o pintor moderno de atabalhoamento e técnica pobre. Tenho piedade desses críticos. Não há esperança para eles. (...) Maïakovsky disse um dia que há uma zona do espírito humano que não pode ser atingida senão pela poesia, e somente pela poesia que está acordada, que muda. Pode igualmente dizer-se que há uma zona no espírito (ou no coração) humano que não pode ser atingida senão pelo cinema, pelo cinema que está sempre acordado, sempre em mudança. Só este cinema pode revelar, descrever, tornar-nos conscientes, aludir ao que somos realmente ou ao que não somos, ou cantar a verdadeira e mutante beleza do mundo que nos rodeia. Só esta espécie de cinema contém o vocabulário e a sintaxe apropriadas para exprimir o verdadeiro e o belo. Se estudarmos a poesia fílmica moderna, descobrimos que mesmo os erros, os planos que não estão focados, os planos a tremer, os planos incertos, os movimentos hesitantes, os pedaços sobre e sub-expostos fazem a partir de agora parte do vocabulário do novo cinema, dado que eles fazem parte da realidade psicológica e visual do homem moderno.»

E o que eu posso dizer, e que explicarei mais tarde, quando virmos as partes restantes de «Walden», é que, se alguém quiser saber, daqui a mil anos, o que é (foi) este mundo e o que são (foram) estas pessoas, será a partir de «Walden» que poderá ter alguma relação com isso. <

Em 1955 Mekas cria a revista «Film Culture». De 1958 a 1976 mantém uma crónica no «Village

* { A programação deste ciclo é da responsabilidade de Edmundo Cordeiro }

exibição

11 | março | 04
17h00
cinubiteca
{anf.1}

próxima exibição . 16 | março | 04 . ciclo { cinema português }

> nazaré, praia de pescadores | douro, faina fluvial | 10 de junho, inauguração do estádio nacional <